

Charles Chaplin

# **LUZES DA RIBALTA**

## **A NOVELA INÉDITA QUE INSPIROU UM DOS MAIORES FILMES DO GRANDE CINEASTA**

Prefácio, ensaio e organização de  
David Robinson

Tradução  
Henrique de Breia e Szolnoky

Copyright *O mundo de Luzes da ribalta* © 2014 by David Robinson  
Copyright *Footlights* e *A história de Calvero*, de Charles Chaplin © 2014  
by The Roy Export Company Establishment  
© 2014 by Edizioni Cineteca di Bologna  
Publicado mediante acordo com Marco Vigevani & Associati Agenzia  
Letteraria

Fotografias de *Limelight* © Roy Export S.A.S.  
Imagens e documentos do Chaplin Archives © e/ou propriedade da  
Roy Export Company Establishment. Todos os direitos reservados.  
Fotografias de W. Eugene Smith. © W. Eugene Smith State. Collection  
Center fo Creative Photography, University of Arizona. © Heirs of  
W. Eugene Smith  
Fotografia na página 203 © by Florence Homolka

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Charles Chaplin Footlights with The World of Limelight

*Capa*  
Elisa von Randow

*Foto de capa*  
Charles Chaplin fotografado por W. Eugene Smith, 1952.  
Collection Center for Creative Photography, University of Arizona.  
© The Heirs of W. Eugene Smith.

*Preparação*  
Silvia Massimini Felix

*Revisão*  
Ana Maria Barbosa  
Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)  
Chaplin, Charles, 1889-1977.  
Luzes da ribalta : A novela inédita que inspirou um dos maiores filmes do grande  
cineasta. / Charles Chaplin ; prefácio, ensaio e organização David Robinson ; tradução  
Henrique de Breia e Szolnok. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: Charles Chaplin Footlights with The World of Limelight.  
ISBN 978-85-359-2498-5  
1. Cinema – História 2. Chaplin, Charles, 1889-1977 3. Chaplin, Charles, 1889-1977.  
Luzes da ribalta – Crítica e interpretação I. Robinson, David. II. Título.

14-09677 CDD-791-4309  
Índice para catálogo sistemático:  
1. Cinema mudo : História 791.4309

[2014]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501  
www.companhiadasletras.com.br  
www.blogdacompanhia.com.br

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos iniciais são, como de costume, para a família  
Chaplin, que permitiu acesso irrestrito ao seu arquivo inesgotável.

O livro nasceu de uma ideia de Kate Guyonvarch, da Association  
Chaplin, que foi logo apoiada pela Cineteca di Bologna e pelo seu  
diretor, Gian Luca Farinelli. Desde então, Kate Guyonvarch e Cecilia  
Cenciarelli, encarregadas do Progetto Chaplin em Bolonha, não  
apenas o apadrinharam como se tornaram também grandes  
colaboradoras ao longo de toda a sua realização. Nós três  
compartilhamos o entusiasmo de criar o primeiro livro baseado  
em pesquisas no arquivo digital de Bolonha.

Laura Morris foi sempre muito mais do que uma agente; ao longo de  
muitos anos, se provou uma amiga, das mais sábias e encorajadoras.

Tive a felicidade de conhecer três pessoas envolvidas diretamente na  
produção de *Luzes da ribalta* — Oona Chaplin, Eugène Lourié e Jerry  
Epstein — e de conversar com elas sobre o filme. Sou grato a muitos  
amigos, fãs do artista que pesquisaram por conta própria a influência  
do teatro de revista em Chaplin e *Luzes da ribalta*, em especial Barry  
Anthony, Alice Artzt, Kevin Brownlow, Dave Crump, Bryony Dixon, Lisa  
Haven, Ono Hiroyuki, Dan Kamin, Bruce Lawton, Steve Massa, Hooman  
Mehran, Glenn Mitchell e Frank Scheide. O registro extraordinário  
de A. J. Marriot sobre a carreira teatral de Chaplin, *Chaplin Stage by  
Stage*, é uma fonte vital. Devemos, todos nós, ser gratos a gerações  
de historiadores do teatro de revista e aos jornalistas e ilustradores  
do século XIX que deixaram uma documentação vívida do teatro de  
suas épocas. Quando Chaplin celebrou o tema em *Luzes da ribalta*,  
a tradição singular do balé nos teatros de Leicester Square estava  
esquecida havia tempos. Ao longo das duas últimas décadas, esse  
momento excêntrico da cultura teatral britânica foi, enfim, honrado  
pelos estudos apaixonados de Ivor Guest, Jane Pritchard e Alexandra  
Carter. O relato de Joseph Donohue sobre a batalha dos moralistas  
contra a renovação da licença do Empire em 1894 é indispensável para  
qualquer estudo envolvendo as tumultuosas relações da arte e da  
sociedade em geral.

A maior parte das ilustrações deste livro é do Chaplin Archive.  
Agradecemos a Andriy Yatsenko, de Kiev, por permitir a reimpressão  
das duas fascinantes imagens de Nijinski (páginas 14 e 16) de sua  
coleção. As imagens nas páginas 11, 25, 96, 146, 150-3, 158, 164-8, 172, 175,  
180-2, 184-93 e 204 são de minha coleção particular.

D.R.

# SUMÁRIO

|                                                          |            |
|----------------------------------------------------------|------------|
| <b>Prefácio</b>                                          | <b>7</b>   |
| <br>                                                     |            |
| FOOTLIGHTS<br>de Charles Chaplin                         |            |
| <br>                                                     |            |
| <b>A evolução de uma história</b>                        | <b>11</b>  |
| <br>                                                     |            |
| <i>Footlights</i>                                        | <b>31</b>  |
| “A história de Calvero”                                  | <b>89</b>  |
| <br>                                                     |            |
| O MUNDO DE <i>LUZES DA RIBALTA</i><br>por David Robinson |            |
| <br>                                                     |            |
| <b>Sacudindo a árvore</b>                                | <b>101</b> |
| <b>Do roteiro para a tela</b>                            | <b>115</b> |
| <b>A Londres de <i>Luzes da ribalta</i></b>              | <b>143</b> |
| <b>O teatro de revista dos Chaplin</b>                   | <b>159</b> |
| <b>Os balés de Leicester Square</b>                      | <b>181</b> |
| <b>Retrato de família</b>                                | <b>197</b> |
| <b>Epílogo</b>                                           | <b>205</b> |
| <br>                                                     |            |
| <b>Notas</b>                                             | <b>211</b> |
| <b>Créditos</b>                                          | <b>216</b> |
| <b>Cronologia</b>                                        | <b>217</b> |
| <b>Bibliografia</b>                                      | <b>219</b> |

Charles Chaplin

# FOOTLIGHTS

# FOOTLIGHTS

## SINFONIA

Na penumbra do pôr do sol, conforme a luz dos postes de Londres se tornava mais atrevida contra o céu amarelo-alaranjado, Thereza Ambrose, moça de dezenove anos, esvaía-se de vida, afundando no crepúsculo de um quarto pequeno e miserável nas ruelas do Soho.

Uma janela iluminou o aposento e destacou seus traços pálidos sobre o travesseiro; ela estava deitada de costas, um pouco para fora da beirada de uma velha cama de ferro. Uma cascata de cabelos castanhos descia pelo travesseiro, emoldurando o rosto angelical, agora calmo, exceto pela boca, que tremia de vez em quando. Símbolos clássicos de tragédia se espalhavam pelo quarto: um frasco vazio de comprimidos para dormir no chão, o sibilar de um jato de gás.

A cena era contrastada por um realejo na rua, que entoava com alegria uma das músicas populares daqueles tempos, em ritmo de valsa:

*Why did I leave my little back room  
In Blooms... bur... y...  
Where I could live on a pound a week  
In lux... ur... y...\**

Ao som desse acompanhamento matraqueado, a vida solitária e angustiada de Thereza Ambrose desvanecia.

Tinha sido uma vida estranha, repleta de frustrações, cujas circunstâncias sórdidas foram impostas a uma criança sensível, ainda em idade tenra e vulnerável. Ela era esquisi-

ta e amuada, características em parte herdadas, mas acentuadas por acontecimentos trágicos e um passado familiar incomum.

Seu pai, Charles Ambrose, era tuberculoso, quarto filho de um nobre inglês. Aos dezesseis anos, Charles fugiu de Eton e cruzou o mar, voltando depois de muitos anos de uma vida precária para se casar com a mãe de Terry, uma humilde criada na casa de sua venerável família, que nunca o perdoou.

Charles Ambrose demonstrava certo talento para a poesia, mas seu senso de realidade era digno de pena. Em sua inocência, acreditava que, ao contribuir com versos e ensaios para determinadas revistas, poderia sustentar uma família. Porém, tal noção foi logo estilhaçada e ele foi forçado a fazer trabalhos paralelos — às vezes, emboçamento de paredes, mas só de vez em quando, pois a cal na argamassa era devastadora para seus pulmões.

Quando Terry tinha sete anos, seu pai morreu. Assim, o fardo de sustentar a família passou para a mãe, uma costureira, mulher simples que na juventude foi de uma beleza extraordinária, mas que agora, depois de anos de pobreza e responsabilidade, era quase inexistente.

A família, que agora era apenas a sua mãe e sua irmã, Louise, morava em um apartamento de sala e quarto em um dos becos que saíam da Shaftesbury Avenue. A irmã de Terry era uma menina de dezessete anos, bonita e gentil, que trabalhava na papelaria Sardou & Company. O salário ínfimo que ela ganhava era inteiro para ajudar no sustento da família.

Quando Terry tinha sete anos, entregava vestidos para as clientes de sua mãe. Era uma seleção inusitada de pessoas,

*\* Por que abandonei meu quatinho de fundo! Em Bloomsbury! Onde eu podia viver a uma libra por semana! Com luxo. (N. T.)*

(página anterior) Página inicial de um dos primeiros rascunhos de *Footlights*, com anotações de Chaplin e (em taquigrafia) Lee Cobin.

desde uma prostituta até a esposa de um pároco. Apesar de a menina não se dar conta das diferenças sociais, percebia que cada uma tinha suas próprias peculiaridades. E que a prostituta, em vez de pedir para Terry esperar dentro da casa, deixava-a na soleira, e aparecia sempre com o cabelo desgrenhado, os lábios inchados e o rosto vermelho. Ela pegava o vestido e então, com um gesto discreto, entregava a Terry uma garrafa, pedindo para ela correr até o pub da esquina e buscar um quarto de uísque, serviço pelo qual Terry recebia alguns centavos e depois era mandada embora. Ela desenvolveu asco por garrafas, pois, quando recebia alguma daquela senhora, estava sempre quente e úmida por causa do calor de sua mão.

Conforme ficou mais velha e mais consciente da superioridade de sua família paterna e da simplicidade da materna, Terry oscilou entre humildade e orgulho. Tornou-se calada e distraída; passou a ir sozinha aos parques da cidade para ficar sentada por horas, imersa em pensamentos. Às vezes passava uma freira e sorria para ela. Nas profundezas de sua infelicidade, ela cogitou várias vezes em se tornar uma. Quando adulta, evitava parques por causa das lembranças da infância — os gramados melancólicos e desamparados, e as pessoas que se sentavam sobre eles, eram os cemitérios vivos daqueles que abandonaram as esperanças e dos indigentes.

Apesar de desejar companhia, era raro ela se tornar amiga de outras crianças, pois era dolorosamente tímida. Além disso, nunca permanecia em um bairro por tempo suficiente para se aproximar dos outros; a família estava sempre de mudança.

A doença repentina da mãe afetou Terry e Louise de modo irreversível. A sra. Ambrose trabalhava sem descanso em sua máquina de costura e já tinha reclamado de fadiga extrema. Ao ser examinada por um médico, foi mandada ao hospital no mesmo instante para uma grande cirurgia.

Essa mudança inesperada foi uma calamidade, pois agora a única fonte de sustento era o parco salário de Louise. Ainda assim, por mais inadequado que fosse, foi o que as manteve. Porém, até mesmo isso logo desapareceria, pois Louise perdeu o emprego e não conseguiu encontrar outro. O dinheiro acabou. Mais aluguéis atrasaram e havia cada vez menos objetos penhoráveis. Elas passaram fome.

Então, algo aconteceu. Uma semana antes de a sra. Ambrose voltar do hospital, Terry percebeu uma melhoria súbita: pacotes de mantimentos e guloseimas que ela nunca tinha visto apareciam na mesa; os itens penhorados voltaram para casa; uma faxineira veio e limpou a casa. E houve outra surpresa agradável: sapatos novos foram comprados para Terry, que não precisou continuar com o decrépito par de segunda mão que lhe fora dado pela esposa do pároco havia tanto tempo.

Com o regresso da mãe, Terry ficou muito contente. Passou a conviver mais com as outras crianças do bairro. Apesar de algumas serem dois ou três anos mais velhas, elas muitas vezes a incluíam em suas perambulações vespertinas pela luxuosa Piccadilly — era uma turma de cinco ou seis meninas, que se amontoavam nas vitrines das confeitarias, olhando desejosas para os bolos e tortas francesas; na delicatessen, admiravam com curiosidade gastronômica as cabeças de porco e as línguas bovinas preparadas com gelatina; nas lojas de chapéus femininos, se acotovavam e davam risadas dos sorrisos banais nas cabeças de cera nas quais os chapéus eram exibidos.

Veza ou outra, as risadinhas cessavam e um silêncio espantado tomava conta quando uma prostituta parava para olhar a vitrine. Às vezes, elas seguiam a moça a uma distância respeitosa e a observavam conseguir um cliente, o que divertia as meninas mais velhas e confundia Terry, ainda ignorante dos fatos sórdidos da vida. Mas ela logo aprendeu sobre eles com as amigas, conhecimento que a entristeceu e assustou.

Foi logo depois, quando esses fatos ainda eram recentes em sua cabeça, que ela se tornou vítima de uma revelação mais chocante, cujo resultado a magoou profundamente e deixou uma ferida psicológica que a influenciaria pelo resto da vida.

Aconteceu em um dos passeios por Piccadilly. Terry e suas amigas tinham parado para brincar perto das vitrines de uma loja de departamentos, quando, em um grande espelho, Terry — para seu horror — viu a irmã passar. No mesmo instante soube o motivo. Viu no jeito que Louise caminhava, a esmo, com certo constrangimento. Viu na expressão perdida, a mesma que tinha visto no rosto das outras mulheres. O repugnante momento de compreensão abalou seu coração.

Agora ela entendia as coisas tão vagas e intrigantes que apareciam em casa e de onde vinham as comidas especiais,

os sapatos novos, a faxineira e os outros confortos. Agora ela entendia por que a mãe chorava tanto e parecia tão doente e infeliz. Suas amigas estavam ocupadas demais em outra vitrine para ver a irmã de Terry, mas Terry viu! Ficou ali parada, petrificada, olhando para ela, enquanto Louise passou sem vê-la. Uma das meninas reparou que Terry estava pálida e trêmula.

“Qual é o problema?”, a amiga perguntou.

Mas Terry não respondeu. Ela se virou outra vez para a vitrine, fingindo interesse pelas peças à mostra. Apontou para um objeto, os olhos banhados em lágrimas. Então, incapaz de continuar qualquer fingimento, cobriu o rosto e chorou. As amigas tentaram puxar suas mãos e perguntar o que estava errado, mas Terry não se abria. Elas desistiram, sem entender. Então, uma delas olhou para a calçada adiante e viu Louise. “Ei, ali está sua irmã!”, ela disse.

“É mesmo!”, comentou a outra.

As meninas mais velhas começaram a rir baixinho, porém logo pararam. Então, houve um silêncio, e elas olharam umas para as outras. Terry, chorando de vergonha e humilhação, se virou de repente e correu.

Correu e chorou, correu e chorou.

Quando chegou em casa, se sentou na calçada até não conseguir chorar mais. Entrou. Tentou passar despercebida e ir direto para a cama, mas a mãe a chamou.

“Terry?”

“Sim.”

“Venha cá.”

“Estou cansada, mamãe. Quero dormir.”

“Venha cá”, insistiu a mãe.

Sem pressa, Terry se aproximou dela.

“Onde você estava?”

“Em lugar nenhum. Só passeando.”

Ela levantou o rosto de Terry. “Você andou chorando.”

“Não”, ela respondeu, evitando os olhos inquisitivos da mãe.

“Deixe disso, conte para sua mãe... Qual é o problema?”

“Acabei de ver Louise.”

“Onde?”

Os lábios de Terry começaram a tremer. “Eu não sei... Esqueci...” De repente, ela caiu de joelhos e, enterrando o rosto no colo da mãe, chorou histericamente.

Uma calma resoluta tomou conta da mãe e uma expressão indecifrável surgiu em seus olhos tristes. “Pronto, pron-

to, filha, passou... Pare de chorar”, ela disse, resignada, com a voz inexpressiva. “Pare de chorar agora e vá para a cama.”

No amanhecer, quando a chave de Louise girou na fechadura, a sra. Ambrose estava acordada, chorando em silêncio.

Quando Terry tinha dez anos, sua mãe morreu. Ao mesmo tempo, ocorreu outra mudança: Louise se tornou amante de um sul-americano e tinha um apartamento pequeno e luxuoso em Bayswater. Ela assumira a guarda de Terry, que agora vivia em circunstâncias não tão desmoralizadoras quanto era de imaginar, pois tinha sido matriculada em um colégio interno privado e só voltava para casa nas férias. E, quando o fazia, não via nada de imoral na vida da irmã. Para todas as aparências, Louise vivia sozinha e com tranquilidade.

Terry foi levada a uma apresentação de balé e, desde então, seu maior desejo foi se tornar dançarina. Louise pagou pelas aulas. A poesia do movimento parecia preencher a carência e satisfazer a natureza melancólica de Terry.

Depois de terminar a escola, ela se juntou ao corpo de baile do Empire Ballet. O Empire Theatre, em Leicester Square, dividia seus espetáculos entre balé e vaudeville; o balé durava uma hora e o restante da diversão consistia em malabaristas, animais treinados e palhaços. Um ano depois de Terry se estabelecer ali, Louise deixou a Inglaterra para morar na América do Sul. Durante algum tempo, ela se correspondeu bastante com Terry, mas, conforme os meses passaram, a frequência das cartas diminuiu cada vez mais, até que Terry nunca mais teve notícias dela.

Enquanto isso, no Empire, Terry progrediu com sua dança. Ela parecia ter, enfim, se encontrado. Aos dezoito anos, era graciosa, uma madona alva como a luz da lua e com olhos grandes e tristes, bem separados. Sua beleza selênica complementava a dança e logo ela começou a chamar a atenção. Já estudava para se tornar a *première danseuse*.

Desde a saída de Louise da Inglaterra, Terry pensava cada vez mais na irmã. Acreditava que devia a ela tudo o que tinha conquistado. A gratidão de Terry cresceu até beirar o fanatismo, mas era sempre acompanhada por culpa e humilhação. Pensar no passado de Louise se tornou uma obsessão para Terry. Aquilo a assombrava e gerou uma condição psicótica que se manifestou na forma de uma doença, o que deu um fim repentino à sua carreira...

Aconteceu no teatro, durante a apresentação da tarde, quando ela estava pronta para subir ao palco. Todos ficaram

chocados, pois, na noite em que ela foi acometida, parecia estar com a saúde perfeita. Ela estava sentada na coxia, onde as moças do balé e outros artistas ficavam antes de se apresentar, quando Guno, o adestrador de cães, chegou. Era um homem rude e repulsivo com cerca de quarenta anos, conhecido por sua obscenidade e por assediar as mulheres. Depois de alguns comentários indecorosos sobre as meninas, ele se voltou para Terry: “Você tem uma irmã chamada Louise, não tem?”.

A pergunta congelou Terry e, antes que ela pudesse responder, ele continuou.

“Eu conheço sua irmã. Conheço faz tempo, muito antes de ela se acertar neste mundo... Quando ela costumava aparecer no American Bar. Estou certo?”, ele disse, com um sorriso de quem sabia do que estava falando.

Terry não conseguiu responder. Ela concordou com a cabeça, com um quase sorriso, arrebatada por uma sensação de enjoo, pois todas as moças estavam olhando.

“Que garota!”, ele continuou, em tom ambíguo. “Eu a via sempre no Leicester Lounge. Ela costumava me contar sobre a irmãzinha mais nova... Sobre como ela era uma boa dançarina.”

Terry não conseguiu fazer nada além de olhar para ele. Se pudesse evaporar e desaparecer... O horror do que ele diria a seguir era agonizante. Mas a tensão foi aliviada pelo contrarregra, que anunciou: “Senhoritas do balé, por favor”.

Quando Terry passou por ele ao seguir para o palco, ele sussurrou, como se fosse uma piada: “É melhor você ser boazinha comigo”. Antes de entrar, ela foi tomada por uma câibra violenta e repentina, e desfaleceu.

No hospital, foi diagnosticada com febre reumática, mas os médicos não tinham certeza. Ainda assim, disseram que ela só poderia dançar de novo dali a um ano. Quando Terry recebeu essa notícia, ficou indiferente e, de certa maneira, até agradecida. Aquilo era uma fuga do teatro e da multidão de olhos que a cercaram na coxia naquela noite, que a isolaram, despiram-na e a expuseram. Depois de se recuperar, ela decidiu procurar outro tipo de trabalho. Foi mais do que coincidência ter encontrado uma vaga na Sardou, onde Louise tinha trabalhado. Apesar de trazer à tona lembranças tristes, ela ficou satisfeita, pois tinha um desejo masoquista<sup>1</sup> de se penitenciar por si mesma e pela irmã.

Ao deixar o hospital, por coincidência ela passou pela papelaria e viu um cartaz na vitrine: “Precisa-se de atenden-

te”. O sr. Sardou já a conhecia e, depois de uma entrevista cordial, ela foi contratada.

A Sardou & Company, papelaria e loja de brinquedos, ficava no centro do Soho. Era um estabelecimento pequeno, abarrotado e cheio de pilhas de jornais, revistas, materiais de escritório e outros itens sortidos. A loja era apertada e opressiva, sempre com um cheiro pungente de tinta, artigos de couro e esmalte de brinquedo. Mas Terry não se incomodava; ela se sentia abrigada e protegida.

A papelaria era apenas o sr. Sardou, não existia o “company” do nome. E, apesar de seus 67 anos, o sr. Sardou administrava a loja com energia incansável. Era gentil e muito sério; ocupava cada minuto de seu tempo todos os dias e tomava providências para que o tempo de Terry também estivesse sendo aproveitado. Ali, ela trabalhava das sete da manhã até as sete da noite, recebendo os clientes. Terry conversava com eles, era sempre educada e fazia o máximo possível para agradá-los. Ainda assim, era muito eficiente e sabia onde estavam todos os itens, até melhor do que o sr. Sardou.

Foi graças a ele ter esquecido onde ficavam as partituras que ela atendeu Ernest Neville, um jovem músico. Ela não teria notado o rapaz se não fosse pelo fato de, naquele momento, a loja estar cheia de clientes à espera e um sujeito ter tentado passar na frente dele. Ele sorriu, agradecido, quando ela ignorou educadamente a grosseria do recém-chegado e o atendeu primeiro. A partir desse momento, ela o atendeu com frequência.

O sr. Neville tinha pouco mais de trinta anos, com cabelo preto, espesso e rente, mas que já crescia nas têmporas. Seus olhos eram azuis e fundos, refletindo uma vivacidade interior; sua boca era firme, parecia prestes a sorrir. Ele tinha mais de um metro e oitenta, e sua postura era um pouco curvada.

Ele nunca fofocava ou socializava, como era hábito dos outros clientes. Terry também não, claro. Os olhos dela quase nunca cruzavam com os dele, exceto para lhe perguntar o que desejava e entregar a mercadoria antes de ele ir embora. Ainda assim, apesar da austeridade do rapaz, existia alguma coisa nele digna de pena. Havia dias em que ele parecia magro e abatido, ocasiões em que ela desconfiava que ele não tinha se alimentado e que estava gastando seus últimos centavos para comprar partituras. Ela incluía folhas extras com frequência. Uma vez, devol-



veu mais troco do que o devido e desconfiou que ele tinha percebido, por causa da vermelhidão que surgiu em suas bochechas pálidas.

Terry descobriu que ele morava no quarto superior da casa no outro lado da rua. Quando ela se debruçava para olhar pela janela da loja e se inclinava um pouquinho para a esquerda, podia ver sua luz tremeluzindo de noite. Pela senhora que fazia faxina na casa, ela descobriu que seu nome era Ernest Neville e que ele era compositor.

Ela pensava muito nele. Com frequência, nas noites de verão depois do expediente, passava por sua casa. Quando a janela do quarto estava aberta, ela podia ouvi-lo tocar o piano, reproduzindo passagens musicais repetidas vezes. Às vezes, ele tocava melodias longas e brilhantes, e ela ficava na soleira da porta ouvindo. Depois, caminhava para casa sentindo uma estranha excitação misturada com melancolia.

Então, Terry não o viu por duas semanas. A faxineira contou que ele esteve doente e que credores tinham vindo tomar o piano. Quando ele, enfim, visitou a loja, parecia pálido e magro, e pediu dois xelins de partituras orquestrais grandes, tirando do bolso uma moeda, que depositou sobre o balcão com relutância.

Terry sentiu que aquela era sua última moeda. Ela pôde perceber isso em seus olhos famintos, nas bochechas desbotadas e fundas, na camisa gasta, nas roupas puídas. Se ela tivesse coragem, lhe emprestaria dinheiro — o salário do mês todo. Poderia pedir emprestado ao sr. Sardou. Mas ali, com ele à sua frente, ficou constrangida, envergonhada demais para oferecer aquilo.

Depois de ouvir o que ele queria, ela se virou de repente e se inclinou para a prateleira com as partituras. Conforme contava, olhou para o escritório dos fundos. O sr. Sardou estava ocupado. Ela acrescentou rapidamente várias folhas extras e então se levantou, apressada. Fez o pacote, nervosa ao enrolar e envolver com barbante, que seus dedos ágeis amarraram e cortaram. Eficiente, entregou o pacote a Neville. Ele estava prestes a ir embora, mas ela o chamou. “Espere um momento, por favor. Você esqueceu o troco.”

Ele se virou e pareceu intrigado. “Deve haver algum engano”, disse.

“Não, está aqui no balcão”, ela respondeu no mesmo instante, apontando para onde ele tinha deixado o dinheiro.

O rosto dele ficou vermelho e ele não se mexeu, indeciso.

De repente, Terry se deu conta de que tinha sido uma tola e criado uma situação ridícula. Mas não havia como desfazê-la. Para piorar o problema, o sr. Sardou veio do escritório dos fundos.

“Posso oferecer alguma ajuda?”, ele perguntou, dirigindo-se ao jovem compositor.

Neville hesitou. “Parece que houve um mal-entendido.”

“Mal-entendido?”

O rosto de Terry empalideceu. “Não, não”, ela se esquivou no mesmo instante, soando quase agressiva. “O cavaleiro pediu três xelins em partituras e se esqueceu do troco de dois xelins.” Houve um momento em que Terry ficou linda, com a postura ereta e obstinada na meia-luz.

Neville tinha certeza de que Terry estava enganada, mas insistir apenas acentuaria o constrangimento da moça. Por isso, ele aceitou o dinheiro.

“Nosso lema”, disse o sr. Sardou enquanto Neville pegava os dois xelins, “é que o cliente tem sempre razão. Mas não neste caso. Haha!”

Neville sorriu e foi embora.

Assim que ele partiu, o sr. Sardou se virou para Terry. “Quanto ele deu, uma moeda de cinco xelins?”

Sem pensar, ela fez que sim.

E o sr. Sardou se deu por satisfeito. Porém, no escritório dos fundos, pensou melhor no assunto. O comportamento de Terry tinha sido muito peculiar. Se o cliente lhe dera uma moeda de cinco xelins, estaria na gaveta da caixa registradora. Para ter certeza, ele voltou ao balcão. Enquanto Terry atendia uma pessoa, ele conferiu a máquina.

“Onde está a moeda de cinco xelins?”, ele perguntou, depois que o cliente tinha ido embora.

Terry não conseguiu explicar. Quanto mais ele questionava, mais confusa ela ficava.

E então o sr. Sardou foi rígido. Decidiu examinar os livros contábeis para ver se havia mais discrepâncias. Para seu alívio, estavam faltando apenas nove xelins.

Terry cedeu. Admitiu que tinha pegado o dinheiro como um empréstimo e que pretendia pagar antes do próximo balanço, mas postergou. Entretanto, ainda assim insistiu que o compositor lhe dera cinco xelins.

“Você sabe que isso é uma transgressão muito séria”, disse o sr. Sardou, em tom grave, “e eu poderia chamar a polícia. Mas não sou um homem duro. Mesmo assim, não posso mais deixá-la em um cargo de confiança.” Ele con-

cluiu dando a Terry um aviso prévio de duas semanas, o que permitiria que ela trabalhasse para recompensar o que tinha (como ele preferia definir) “emprestado” do caixa.

Nas duas últimas semanas de Terry na papelaria, Neville não voltou. Uma semana depois que ela saiu de lá, passou pela casa dele, mas seu quarto estava apagado e silencioso, com um aviso na janela: “Aluga-se quarto”.

O outono estava próximo e Londres se preparava para a temporada de teatro. Trupes de dançarinos, acrobatas, equilibristas em monociclos, mágicos, malabaristas e palhaços alugavam salões e armazéns para ensaios. Amantes do teatro e o público em geral sentiam o entusiasmo da temporada. Um gigante inativo, que tinha um mecanismo de respiração e ocuparia um palco inteiro, estava sendo fabricado em partes para a pantomima de Drury Lane; era tão grande que um corpo de balé poderia entrar em cena saindo do bolso interno de seu casaco.<sup>2</sup>

Equipamentos especiais para a cena de transformação de Cinderela; abóboras que se tornariam cavalos brancos graças à ajuda de espelhos; apetrechos para balés voadores; fundos infinitos, barras horizontais e cordas bem amarradas; encomendas para novos truques de mágica, instrumentos musicais inusitados, perucas forradas com espuma, bugigangas para palhaços, tudo para preparar a pantomima de Natal.

Terry morava nessa ágora de faz de conta, mas não estava com sorte. Cinco semanas tinham se passado desde a saída da papelaria e ela ainda não conseguira um trabalho novo. Já fazia mais de um ano desde seu colapso no Empire, porém ela quase nunca se permitia pensar no incidente, pois tinha se tornado uma fobia, um grande choque que ela queria esquecer.

Ainda assim, sozinha em seu quarto de fundo, muitas vezes ela tentava ficar em ponta, mas o esforço era extremamente doloroso. Mesmo assim, precisava de um emprego, e o tipo que seria adequado parecia impossível de encontrar.

Em desespero puro, Terry aceitou um emprego na fábrica de pickles de Northup. Era uma função deprimente. Os terríveis vapores ácidos, misturados com a mostarda, machucavam suas narinas e faziam os olhos lacrimejarem. E suas mãos tinham uma coloração amarelada constante, que resistia a qualquer tentativa de limpeza. Aos domin-

gos, usava luvas pretas de algodão para esconder as manchas. Quando completou um mês na fábrica, o trabalho enfadonho começou a afetar sua saúde. A chegada do sábado era um alívio, pois ela podia descansar e ficar na cama o dia todo. Durante a tarde, no entanto, ela se levantava para passear.

Naquela temporada, se você passasse por determinado pub no final da Shaftesbury Avenue, ouviria as notas de um velho piano vindo da sala de cima, tocando um scherzo para a batida de pés obedientes. Então, uma voz rouca interrompia com um “Não, não, não”. A batida se juntava de um jeito desordenado e ficava em silêncio. “Não, não. Não é em compasso quatro por quatro. É em compasso dois por quatro. Mais uma vez, por favor.” Terry ouviu isso em uma tarde de domingo, parada na esquina ao voltar de sua caminhada. Parecia fazer séculos desde que dançara pela última vez, apesar de sentir vontade com frequência.

Continuou a seguir para casa, triste. Quando passou pela entrada que levava à sala de ensaio, parou um instante e olhou para os degraus. Ela podia ver o teto branco, podia ouvir o burburinho de vozes e os pés se arrastando. Surgiu em seu peito uma batida forte e repentina. Ela subiu as escadas com pressa e, de repente, estava sem fôlego à sombra da porta aberta.

Terry viu uma sala alongada, com pilhas altas de mesas pelos cantos e um piano de armário na outra extremidade. Contra a parede, havia uma fileira de cadeiras com assentos empalhados. Na cadeira do meio estava sentado o “sr. John”, como as meninas o chamavam; um homem de aspecto abrutalhado, nariz torto, boca grande e feia e voz grave e aveludada, que soava como um arco contra uma corda frouxa de violoncelo. Conforme vociferava instruções da cadeira, ele viu Terry, mas se aproximou apenas quando precisou se levantar para orientar uma bailarina.

“O que você quer?”, ele perguntou abruptamente.

Terry ficou atônita. Ela mudou de posição, trocando o pé de apoio, antes de conseguir responder. “Um emprego”, ela disse, sem ar.

“Você tem alguma experiência?”, ele questionou.

“Fui do Empire Ballet”, ela respondeu, e estava prestes a continuar, mas ele a interrompeu.

“Meninas, intervalo de cinco minutos.” Então se voltou para Terry outra vez. “Você dança em ponta?”

“Sim, mas...”

“Basta”, ele interrompeu outra vez. “Pode fazer uma audição. Tenho um número solo na cena de transformação.”

Se não fosse pela interrupção, ela lhe teria dito que não dançava desde a crise de febre reumática, e que tudo o que queria era uma vaga no corpo de baile. Mas a emoção de uma oportunidade como aquela era maior. Terry não conseguiria resistir. E ele continuou, dizendo que faria um teste com ela naquele mesmo instante e que, se ela fosse aceitável, ele não precisaria se dar ao trabalho de fazer as outras audições na manhã seguinte.

“Tenha em mente que estou destreinada”, ela disse com humildade. “Não ensaio faz muito tempo.”

“Não se preocupe”, ele respondeu, “levaremos isso em conta.”

De repente, Terry foi arrebatada por um fluxo de ações — alguém perguntou para qual música ela gostaria de dançar; outra emprestou sapatilhas e outra, uma saia de tule. Não, ela insistiu, ela não tiraria as luvas.

Apenas a determinação de Terry permitiu que ela continuasse a dançar naquela noite, pois sentiu uma dor excruciante. Em um aposento frio e iluminado em excesso, ao acompanhamento de uma valsa de Chopin, uma jovem pálida e abatida, mas com uma expressão extasiada, capturou um momento de magia. Os grupos de dançarinas observaram em admiração silenciosa, como esculturas no friso de um templo grego, conforme ela fez as posições, os passos e as piruetas... Porém, ela de repente ficou branca como a morte e hesitou. “Não, não...”, gritou, desmoronando no chão.

No mesmo instante, o sr. John se levantou em um salto; em seguida, Carl, o pianista, fez o mesmo. Ela estava inconsciente. “Aqui, Carl! Segure-a pelos pés!”, disse o sr. John.

Carl obedeceu e, juntos, eles deitaram-na nas cadeiras. Uma dançarina dobrou o vestido de Terry e o ajeitou sob a cabeça dela, enquanto outra deu-lhe tapinhas nas mãos e começou a tirar suas luvas.

“Tirem as sapatilhas dela”, disse o sr. John. “Ela talvez tenha pisado em um prego.”

“Ela deve ter icterícia”, comentou uma bailarina. “Vejam como suas mãos são amarelas!”

“É anemia perniciosa”, disse outra.

“Chamem um médico!”, ordenou o sr. John. “Esta menina está doente.”

Uma multidão de rostos femininos apavorados assomou-se sobre Terry.

Seu desmaio foi causado, entre outras coisas, por exaustão e subnutrição, que depois evoluiu para pneumonia. Ela ficou no hospital por semanas, entre a vida e a morte. Durante a internação, o sr. John e a esposa visitaram-na uma vez e levaram flores. Depois, ela ficou devastada ao ler, em um semanário sobre teatro, que ele zarpara com a trupe para uma turnê nos Estados Unidos.

Passaram-se doze semanas até Terry poder sair do hospital. Quando o fez, ficou comovida e foi levada às lágrimas pela gentileza do sr. John, pois, no dia em que ela teve alta, recebeu um envelope enviado por ele, no qual havia uma moeda de vinte xelins.

Enquanto isso, sua senhoria teve a bondade de guardar suas coisas, mas precisou alugar o quarto para outra pessoa, portanto Terry foi obrigada a procurar um lugar para morar. Ela encontrou nova moradia no Soho, um deprimente quarto de fundo pelo qual pagava cinco xelins a semana. A sra. Alsop, a senhoria, insistiu em receber adiantado o aluguel de duas semanas, o que deixou Terry com apenas dez xelins para sobreviver.

Mesmo depois de seis semanas após sua saída do hospital, ela ainda estava fraca e lânguida. Já devia um mês de aluguel e não tinha mais quase nada para penhorar. A ideia de ter de enfrentar a vida mais uma vez se avolumava como um monstro, mas ela precisaria lutar contra isso e buscar trabalho.

Ela visitava a biblioteca pública com frequência para ler os anúncios de empregos. Encontrou um, “modelos fotográficos para catálogos”, que achou ser capaz de fazer.

No caminho, passou por uma agência de ingressos de teatro. Na janela, um cartaz saltou diante dos seus olhos — uma nova sinfonia de Ernest Neville! A ser conduzida por Sir Arthur Lawrence,<sup>3</sup> no Royal Albert Hall! Seria o mesmo Ernest Neville que tinha sido seu cliente na papelaria? O anúncio deixou-a entusiasmada. Um jovem desconhecido, vivendo na pobreza... e então, abracadabra — fama! A estreia seria na noite de sexta-feira. Ela iria, custasse o que custasse! Tinha apenas quatro xelins. Os lugares mais baratos custavam um xelim e seis pence.

Na noite de sexta-feira, Terry se sentou no fundo da plateia. Ainda faltavam quinze minutos para o início do concerto. Um burburinho de conversa crescia ao seu redor como borboletas em voo, o que a fez se sentir distante e alheia. Mas

não era desagradável. Ela se sentiu confortada e relaxada. A presença do grande público a alegrava, pois eles também buscavam beleza e tinham o mesmo desejo espiritual.

Agora os músicos subiam ao palco e se sentavam em seus lugares, formando um luminoso padrão de roupas pretas e brancas.

O caos órfico da preparação. A conversa da plateia ficou cada vez mais alta e então, de repente, com a chegada de Sir Lawrence, sumiu. Depois de aplausos prolongados, ele se virou e ficou frente a frente com os músicos. Seguiu-se silêncio.

Terry segurou o fôlego. O programa em sua mão tremia.

Uma nova sinfonia de Ernest Neville abriria o concerto. Seria sua ascensão para a fama, para um mundo que, dali em diante, o chamaria de mestre. O silêncio era denso e cheio de expectativa... Então, da orquestra, veio um murmúrio baixo dos instrumentos, que aumentou e aumentou, como chamas que se alimentam e crescem. Era vida em forma de música — a beleza e o mistério. Mas, para Terry, era uma música de frustração, sofrimento e desespero.

No fim, o compositor foi chamado ao palco. Sim, era ele mesmo, Ernest Neville, ela podia reconhecê-lo mesmo de longe. Antes do concerto, ela sonhara com a possibilidade de ir aos bastidores depois da apresentação para cumprimentá-lo. Era incerto o que ela diria — talvez o relembresse de que era a moça que trabalhava na papelaria. Porém agora o desejo tinha sumido. Ela de repente tinha superado. A sinfonia dele a afetara de um jeito esquisito. Agora ela queria solidão. Dentro de suas fronteiras, havia paz e beleza intangível. Ela se sentiu arrebatada demais para aplaudir como os outros. No canto da plateia, ficou imóvel, chorando.

Quando o concerto terminou, ela ficou no mesmo lugar durante algum tempo, com um vazio e uma mágoa indefinida dentro de si. Então, voltou para onde pegaria o ônibus, cuja parada era diante do Royal Albert Hall. Quando chegou ali, um pequeno grupo de pessoas estava saindo pela porta da frente. Dois foram até a calçada. Um deles era Sir Arthur Lawrence e o outro, Ernest Neville!

Conforme olharam de um lado para o outro da rua, Neville a viu, porém estava escuro e ele teve dificuldade de enxergá-la. Ele desviou o rosto, mas então olhou para ela outra vez.

“Meus parabéns”, ela disse.

“Obrigado”, ele respondeu. Ela percebeu que ele não tinha certeza de quem se tratava e, por isso, chegou um

pouco mais perto. “Você não se lembra de mim? Eu trabalhava na Sardou.”

Ele ficou genuinamente contente. “É claro, é claro. Não a reconheci no escuro. Você esteve no concerto de hoje?”

“Sim, foi muito bonito”, ela disse.

Um sorriso interessado iluminou seu rosto e ele parecia querer conversar mais. Porém a limusine de Sir Lawrence estacionou perto da calçada. Antes de entrar no carro, ele se despediu e desejou boa-noite. A porta se fechou e a limusine foi para longe.

Ela não ficou tocada ou impressionada com o encontro. Estava emocionalmente exausta. Nada tinha importância. Sentia-se cansada; cansada da saúde frágil, da mágoa e da angústia da vida. Queria dormir. Se ao menos pudesse dormir!

Naquela noite, ela se deitou com insônia, atormentada. No dia seguinte, estava letárgica, e até mesmo o aviso pregado à sua porta, exigindo que ela desocupasse o quarto, deixou-a apática. Tudo o que queria era dormir... Dormir sem sonhar. E, enfim, era isso que teria feito — induzido pelas próprias mãos. O esquecimento a cobriu, vagaroso... com delicadeza... devagar... Acompanhado pelo sibilar de um jato de gás e um realejo tocando na rua...

Calvero, um homem com cerca de cinquenta anos e cabelo grisalho, cuja aparência e roupas não deixavam dúvidas de que se tratava de um ator, estava com dificuldade para inserir a chave na porta da frente. Ele se apoiou de lado contra ela e, com concentração intensa, segurou o próprio punho para apontar a chave direto para a fechadura. Mas, ao tentar inseri-la, a chave e a fechadura se separaram. Depois de várias tentativas, procurou estabilizar a porta, mas, por fim, desistiu daquele péssimo trabalho e optou por tocar a campainha.

“A sra. Alsop saiu”, disse uma criança sentada à porta da casa ao lado.

Calvero se virou e fez um gesto de agradecimento, então continuou a tentar. Para sua surpresa, descobriu que, enquanto estava de costas, a chave tinha achado o caminho para a fechadura!

Dentro da casa, ele parou para tragar seu cigarro, mas estava apagado. Por isso, riscou um fósforo. No entanto, era um daqueles fósforos vagabundos infernais que se partem ao meio. Riscou outro, e o resultado foi o mesmo. Ele foi tomado por um súbito propósito. Enquanto se atrapalhou

para pegar outro fósforo, começou a sentir um cheiro. Era gás! Assustadoramente forte e se tornando cada vez mais intenso conforme ele seguiu na direção do quarto de Terry. Ele hesitou e decidiu bater na porta. Sem obter resposta, girou a maçaneta, mas a porta estava trancada, e havia uma toalha enfiada no buraco que servia de olho mágico. Sem demora, ele empurrou a toalha com o dedo e olhou para dentro do quarto. Seus olhos enfim pousaram na cama.

Um instante depois, o impacto de seu ombro arrombou a porta e ele carregou a moça inconsciente para o corredor, deixando-a nos degraus da escada. Chamou a sra. Alsop, mas então se lembrou de que a criança tinha dito que ela não estava. Mesmo em seu estado embriagado, foi inspirado a tomar uma iniciativa; do outro lado da rua, algumas casas para baixo, havia um dispensário. Sem esperar nem mais um segundo, correu até lá, e logo voltou acompanhado por um médico.

“O senhor desligou o gás?”, perguntou o médico.

“Que gás?”, quis saber Calvero.

O médico ignorou sua resposta. “Qual é o quarto dela?”, perguntou, impaciente.

“Aquele”, respondeu Calvero, apontando.

O médico entrou, abriu as janelas com pressa, desligou o gás e correu para fora. “Precisamos levá-la para outro aposento agora mesmo. Onde está a senhoria?”

“Não está em casa.”

“Qual é o seu quarto?”

“O meu? Lá em cima”, respondeu Calvero.

“Serve”, disse o médico. “Segure-a pelos ombros, eu vou segurar os tornozelos.”

Calvero obedeceu. Esforçou-se para andar de costas, carregando a mulher inconsciente por três lances de escada e a deitando em sua cama.

“Abra todas as janelas”, ordenou o médico. Calvero obedeceu.

“Devo chamar uma ambulância?”, ele perguntou.

“Primeiro ela precisa de um emético. Não temos tempo a perder. Preciso de dois litros de água quente e de algumas toalhas”, respondeu o outro, tirando instrumentos da maleta.

Seria indelicado descrever os detalhes do que aconteceu nos vinte minutos seguintes. Depois que o cuidado médico tinha sido aplicado, Calvero contou sua versão da história, até o momento em que encontrou o frasco vazio de comprimidos para dormir. “Creio que são do seu dispensário.”

“Sim, de fato”, disse o médico, escondendo a preocupação ao examinar o frasco. “Ela deve ter comprado faz uma hora — foram prescritos por Jenson, que não chegará antes das seis.”

“E quanto à ambulância?”, perguntou Calvero.

O médico refletiu por um momento. “Agora não é mais necessário. Ela está fora de perigo. Além disso, mandá-la para o hospital daria início a uma investigação, e tentativa de suicídio leva à cadeia.”

“Ora, se a própria vida não pertence a ela”, disse Calvero, “o que pertence?”

O médico deu de ombros, pegou uma toalha, enxugou a testa da jovem e depois jogou a toalha sobre a cama. “De qualquer modo, dentro de alguns dias ela estará bem o suficiente para voltar ao quarto dela. Enquanto isso, permita que ela descanse em silêncio. Não lhe dê água. Pode induzir à náusea e causar ainda mais esgotamento ao coração. Se ela tiver sede, ofereça suco de laranja. E amanhã, se ela tiver fome, um pouco de canja... Mas nada enlatado.” Ele olhou para seu relógio. “E se o senhor puder ir ao dispensário em meia hora, deixarei uma receita pronta para o senhor.”

“Para mim?”

“Para ela, é claro.”

“Oh.”

Depois que o médico saiu, Calvero afundou devagar em uma cadeira, com a lenta e sóbria compreensão da responsabilidade que assumira de maneira tão inusitada.

Enquanto tal pensamento o ocupava, a belicosa voz da sra. Alsop ressoou pelas escadas. Ela tinha voltado para casa e descoberto, para seu espanto, a porta arrombada do quarto da moça.

“Pois ela será presa por isso! Arrombamento, foi isso o que ela fez!”

Calvero saiu do quarto na ponta dos pés e ficou no topo das escadas para escutar melhor.

“Destruíu minha porta, foi? Tenho certeza de que levou todas as coisas... Aquela traiçoeira, aquela ladra, aquela...” O restante das injúrias foi abafado quando a senhora enfurecida entrou no quarto da jovem. “Engraçado”, disse a sra. Alsop, saindo de lá. “Ela não levou nada! Pois não levará mesmo, não até que pague o aluguel! Arrombou a porta... Que belas festividades devem acontecer pelas minhas costas! Mas isso não se repetirá! Agora ela será expulsa! E ficará expulsa para sempre!”